

SUDOESTE

Quando Antônio Maria diz (e acredita) que está soprando o vento nordeste, você pode ir lá dentro e pegar o guarda-chuva antes de sair, porque o vento é, naturalmente, sudoeste. Na tarde de sexta-feira ele estava, porém, com o faro apuradíssimo, pois seu equívoco não ultrapassou a 90 graus: o nordeste dele era noroeste, cujas luvas arrastavam folhas secas pelo asfalto e comunicavam a qualquer menino grande menos analfabeto natural que tínhamos um fim de semana chuvoso — sabido como é que o citado e neurastênico vento não tem capacidade de durar muito, antes, com seus maus modos, provoca um protesto geral e virabão na atmosfera capaz de suscitar ciclones do quadrante oposto.

Com exceção de Vicente de Carvalho eu e poucos mais, nossos homens de letras ventam errado: chovem fora de hora e mudam o caminho da lua com a maior naturalidade. Jorge Amado tem uma página (uma viagem de Ilhéus para Salvador, se bem me lembra) em que o vento, o mar, a lua e o navio se desavêm aos sopapos, fora de qualquer ordem e consideração — uma orgia capaz de mandar um comandante de Conrad para o fundo do hospício, ou do oceano. Salvese a força poética no meio dessa loucura meteorológica; só essa força explica, de resto, que o romance tenha continuado, pois ela consegue levar os personagens clinicamente sãos e salvos até o porto de destino, com uma derrota que ofende todas as rotas aceitas ou imaginadas pela Marinha Mercante e pela Marinha de Guerra.

Assim pois despertamos no sábado com um sudoeste sóto e raivoso, e o mar bramindo. Enverguei minha japona azul, postei-me na torre de comando e depois de examinar com atenção os acontecimentos concluí que não havia perigo imediato: mandei cerrar as vigias e escotilhas e servir à tripulação uma completa feijoada.

Devo confessar aos amigos que estou empreendendo, com certo êxito, a cura de uma paixão ridícula e infeliz, e avisar aos possíveis companheiros de infortúnio, que um dos medicamentos mais certos, nesse transe, é uma boa feijoada, à qual faço juntar, com certa heterodoxia, mas boa aceitação, angu e toresmo. Eis, pois, sus — disse eu — e transpomos galhardamente o sábado.

Mais eis que chega a manhã de domingo, e desperto em sobressalto. Ouço pios de aves assustadas, os quadros dançam na parede, o retrato da amada cai debaixo da cama, as árvores gemem ao vento e meu Exu de ferro tem um ar carrancudo e inquieto. A situação precipita-se. Assumo o comando da defesa da costa e percorro sem temor toda a linha de frente, desde a Gruta da Imprensa ao Forte de Copacabana. O vento desembestou; vem das Tijucas assaltadas de espumas com a velocidade de dois mil câes raivosos, ulvando e ladrando como um só Grande Cão, e tenta me atingir na altura do pósto 8 com uma palma de coqueiro — mas galgo impávido as rochas do Arpoador e enfrento os acontecimentos.

Não digo que por isso a Zona Sul não foi tomada de assalto, mas a verdade seja dita: do alto do rochedo, cara ao vento, às 7,45 da manhã, dirigi impetuosos aos monstruosos vagalhões que cresciam do abismo e me lançavam raivosas chicotadas de espuma, escalando as penedias.

Por um instante a sorte da batalha pareceu indecisa; atrás de mim a cidade tremia. Mas usei o recurso supremo: atirei-lhe, ao oceano, dois versos inteiros de Homero. A grande Vaga de Fundo que avançava terrível, prenhe de lama e areia, oscilou um segundo, ergueu ainda a crista soberba, e se abateu aos meus pés, lançando alto, com um ronco doloroso, um esquicho imenso de espuma. E recuou, vencida.

O velho mar! Eu sempre imaginei que ele percebia o grego, o velho mar, violento e raivoso, mas generoso e bom, meu companheiro meu pai, meu grande irmão.

7/7/53

R. B.

423